

ESCRITOS E IMAGENS: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS DO MUSEU DE ETNOGRAFIA E HISTÓRIA DO PORTO

CATARINA SOUSA COUTO SOARES*

Resumo: A Casa de São João Novo, mandada construir por Pedro da Costa Lima em 1725, vê a sua função original modificar-se em 1945 com a fundação do museu de etnografia e história do Porto, entretanto encerrado ao público desde 1992.

O presente artigo, desenvolvido no âmbito do estágio curricular do Mestrado em História da Arte Portuguesa da FLUP com a Direção Regional de Cultura do Norte, apresenta o primeiro estudo histórico integrado do antigo museu de etnografia e história do Douro-Litoral. A partir da consulta do fundo documental inédito do antigo museu e do seu cruzamento com publicações da época – como os periódicos *Douro Litoral*, *Revista de Etnografia e Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, entre outras publicações – pretendemos sistematizar, refletir e questionar esta memória fragmentada do museu e, se possível, definir novos campos de abordagem e novas linhas de investigação.

Palavras-chave: Séc. XX-XXI; Palácio/Casa de São João Novo; Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral; Junta de Província do Douro-Litoral.

Abstract: The Casa de São João Novo, whose construction was ordered by Pedro da Costa Lima in 1725, saw its original purpose being altered in 1945 with the creation of the Museum of Ethnography and History of Porto, meanwhile closed to the public since 1992.

The present article, which results from the curricular internship with the Direção Regional de Cultura do Norte that took place during the frequency of the Master of Portuguese History of Art at the Faculty of Arts of Porto, presents the first historical study integrated in the old Museum of Ethnography and History of the Douro-Litoral. Starting with the study of the unpublished documental reserve of the old museum and its crossover with publications of that period – such as the periodicals *Douro Litoral*, *Revista de Etnografia e Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, among others – we intend to systematize, reflect and question this fragmented memory of the museum and, if possible, to define new fields of approach and lines of research.

Keywords: 20th-21st Centuries; Palácio/ Casa de São João Novo; Museum of Ethnography and History of the Douro-Litoral; Junta de Província do Douro-Litoral.

* CITCEM. catarina.scs.2@gmail.com.

1. DA FORTUNA CRÍTICA E DA METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Sobre o Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral, não identificámos a existência de um estudo à história da instituição ou à sua coleção. Deste modo, o que se apresenta neste artigo, consiste no primeiro estudo histórico integrado ao antigo Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral. Os resultados e as reflexões que expomos são, portanto, os primeiros de muitos que, esperamos, ainda estarão por vir¹.

Deparámo-nos com um objeto de estudo que nos oferecia uma oportunidade peculiar. Um museu extinto, com uma coleção etnográfica desmembrada e cujas remanescências estão hoje localizadas em dois edifícios em ruína, oferecendo graves condições para a conservação destes testemunhos. Tendo por base apenas as fichas de inventário do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA)² e da Direção Geral do Património Cultural (DGPC)³, e desconhecendo a existência de memórias descritivas, fontes documentais e iconográficas ou outras referências bibliográficas sobre o museu, este surgiu portanto como um objeto de estudo completamente desconhecido. Deste modo, o leque de perguntas que se impunham no início da nossa investigação era extremamente vasto. O que compunha esta coleção etnográfica, como foi constituída e como se integrou na Casa de S. João Novo, foram as primeiras questões com que nos deparámos.

O tema dos museus etnográficos portugueses ainda se encontra na infância da sua arte, impondo-se questões, logo à partida, sobre os contextos políticos e culturais em que se fundaram aquelas instituições. O Museu de Etnografia e História da Província do Douro-Litoral foi fruto das reformas do código administrativo de 1936 e foi fundado pela Junta de Província do Douro-Litoral, logo após a extinção do Museu Municipal do Porto (1940) e após um longo e complexo processo de redefinição do museu da cidade. Entende-se, portanto, um contexto político e cultural muito específico, situação que, hoje podemos assumir, justificou e definiu a criação deste museu, as linhas de orientação científica da exposição, a mensagem que pretendia transmitir e a própria ação cultural e científica da instituição, como iremos analisar.

Concomitantemente, impunha-se saber o que era a Junta de Província do Douro-Litoral, quais os seus estatutos e atribuições e qual a sua relação com o museu. Estas perguntas aplicavam-se, do mesmo modo, à Junta Distrital do Porto. Quando é que o museu passa da administração da junta de província para a junta distrital?

¹ SOARES, 2016.

² SERENO, 1994.

³ OLIVEIRA, s.d.

Quem constituía estes corpos administrativos? Estas mudanças de administração tinham algum impacto direto no Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral? Simultaneamente, quem compunha os quadros administrativos do museu?

Através das mesmas fichas de inventário do SIPA e da DGPC, verificámos que este museu conheceu duas titulações: Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral e Museu de Etnologia do Porto. Contudo, os inventários referidos não especificavam quando e porque ocorreu esta alteração de nome. Ao mesmo tempo, questionámos se esta mudança de título significava também uma alteração dos objetivos e da mensagem do museu.

Relativamente ao período do encerramento do museu ao público e, sendo uma parte do nosso trabalho a gestão de um edifício devoluto e a inventariação e estudo das remanescências de uma coleção, fomos confrontados com uma série de perguntas relativas à gestão desta instituição, a partir do momento em que encerrou ao público (1992) até ao início do presente projeto de estágio (2015): onde e em que termos foi depositada a coleção etnográfica? Houve a definição de uma metodologia para a gestão do museu e da sua coleção? E, simultaneamente, quem foram os responsáveis por esta gestão? Tratando-se de um estudo da história imediata, optamos por elaborar entrevistas aos agentes responsáveis por esta fase da vida do antigo Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral. Deste modo, procedemos, em primeiro lugar, ao levantamento das tutelas da instituição museológica e de nomes associados à sua gestão. Num segundo momento, já numa fase avançada da nossa investigação, estabelecemos contactos para a realização de entrevistas, resultando num conjunto de entrevistas à Doutora Maria Lobato Guimarães, responsável pela gestão da coleção etnográfica do antigo Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral entre 1998 e 1999 e a Doutora Maria João Vasconcelos, Diretora do Museu Nacional de Soares dos Reis.

Finalmente, imperava uma questão que justificou a existência deste estágio: que futuro para este museu e para esta coleção? Podemos hoje afirmar que o museu se encontra extinto?

Postas estas questões em cima da mesa, o primeiro passo nos trabalhos que se adivinhavam consistia na identificação de arquivos e núcleos documentais. Foi-nos apresentado pela Direção Regional de Cultura do Norte (DRCN) o antigo arquivo e a biblioteca do Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral. Tratando-se de dois núcleos inéditos e por catalogar, era obrigatória a sua consulta. Contudo, devemos ressaltar que estes dois núcleos foram sofrendo vários vicissitudes – um incêndio em 1984 na ala do museu que compreendia a biblioteca e o arquivo, o desabamento da cobertura do Quartel de S. Brás – para onde o arquivo foi trasladado após o encerramento do museu, e a consequente exposição a chuvas e outras condições atmosféricas –, que resultaram na perda de documentação,

não nos sendo possível quantificar essa perda. Simultaneamente, era necessária a identificação do arquivo da antiga Junta de Província do Douro-Litoral e a consulta dos boletins *Douro-Litoral* e *Revista de Etnografia*, da responsabilidade da mesma junta de província. Destes boletins, aos quais tivemos acesso no início deste trabalho, foi possível reunir um conjunto de fontes iconográficas e de artigos que nos permitiram iniciar a identificação de salas do museu e de elementos da sua exposição. Relativamente ao arquivo da Junta de Província do Douro-Litoral, não foi possível registar, até ao momento, a existência de um fundo documental. Contudo, já numa fase de conclusão do nosso trabalho, identificámos a publicação das Atas da Junta de Província do Douro-Litoral no *Comércio do Porto*, circunstância que nos impossibilitou a sua consulta e confirmar a abrangência cronológica destas Atas.

Para o desenvolvimento da história museológica do Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral (1945-1992), procedemos à pesquisa e levantamento de documentação em arquivos e à consulta de periódicos da época da inauguração do museu, reunindo-se notícias e elementos iconográficos. A justaposição dos dados recolhidos, e a sua confrontação com o *Roteiro do Museu* publicado em 1945, por Armando Mattos⁴, e um artigo publicado n' *O Tripeiro* em 1969, por Horácio Marçal⁵, permitiu-nos reconstituir parcialmente o que corresponderia à organização espacial interna do museu e da sua exposição, e perceber transformações que foram ocorrendo nos quase cinquenta anos de vida da instituição.

Relativamente à fase de desmantelamento e depósito da coleção etnográfica (1992-2016) foi-nos fornecido, pela DRCN, uma listagem do espólio etnográfico e outros equipamentos que permaneciam na Casa de S. João Novo (2002) e uma relação dos depósitos do espólio do Museu de Etnologia do Porto (2002). Tratando-se do estudo da história imediata de uma instituição, realizámos entrevistas a pessoas que estiveram diretamente relacionadas com o processo de desmantelamento e gestão da coleção etnográfica. O seu confronto com as ferramentas de inventariação do património cultural, como o MatrizNet e o MatrizPix, permitiram-nos localizar instituições depositárias da coleção etnográfica e os respetivos fundos e núcleos documentais.

Fruto da metodologia apresentada, é hoje possível reunir um conjunto de fragmentos deste período, que apesar de corresponder a uma cronologia próxima ao presente, constitui um período fantasma na história da instituição. Contudo, a dimensão dos novos núcleos documentais apontados, e pelo fato de terem sido identificados num momento de conclusão do projeto de estágio curricular, exigem

⁴ MATTOS, 1945.

⁵ MARÇAL, 1969: 361-367.

um estudo aturado e a estruturação de novos objetivos. A comparação destes núcleos com os dados recolhidos a partir do levantamento exaustivo das Atas da Junta de Província do Douro-Litoral, publicadas no *Comércio do Porto* como vimos anteriormente, justifica dar continuidade, numa segunda fase de trabalhos, a este projeto.

A partir da metodologia apresentada, a presente investigação, que resultou num relatório de estágio em História da Arte Portuguesa⁶, pretende sistematizar, refletir e questionar uma memória, de natureza fragmentada, do Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral e definir novos campos de abordagem e novas linhas de investigação.

2. DA MUSEOLOGIA: REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo à história de um museu, uma das questões a colocar respeita as práticas de curadoria da instituição. Segundo Madalena Cagigal e Silva⁷, registam-se três práticas distintas de apresentação dos objetos nos museus etnográficos portugueses criados a partir de 1940:

1. reconstituição de ambientes rurais: como indicado no nome, consiste na reprodução de construções e interiores arquitetónicos ligados à vida rural, na íntegra ou através da assimilação de partes, que representam cada uma, uma região distinta;
2. salas de apresentação regional e laboral, introduzidas por legendas: lembre-se o Museu de Arte Popular de Lisboa, cujas salas apresentavam uma realidade geográfica diferente do país – a *Sala de Entre Douro e Minho*, “caixa de brinquedos de Portugal”. Uma sala de temática laboral expunha peças e objetos relacionados a uma prática da vida rural, como a *Sala de Caça e Armadilhas* do Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral.
3. apresentação classificada das peças: consiste numa prática ainda em uso na museografia contemporânea. Cada peça em exposição é acompanhada por uma legenda com os seus dados de identificação e classificação. Um conjunto menor de objetos, que funcionam como peças de apresentação de uma sala ou secção, podem vir acompanhados por uma memória descritiva ou outra componente textual.

No caso concreto do Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral, através das mesmas fontes documentais e iconográficas já citadas e de remanescências

⁶ SOARES, 2016: 90 e 156-157.

⁷ SOARES, 2016.

ainda existentes na Casa de S. João Novo, registamos a utilização destas mesmas práticas. Recordem-se:

1. os núcleos da *Adega*, da *Cozinha Regional*, na reconstituição de ambientes rurais;
2. a *Sala dos Teares e o Engenho do Linho*, a *Sala do Linho*, a *Sala da Lavoura*, a *Sala da Pesca* e a *Sala das Rendas (e Bordados)*, são alguns exemplos de salas de apresentação regional e laboral;
3. todos os espaços da exposição detinham a apresentação classificada de peças.

A partir da leitura da exposição do Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral é possível perceber que estes modelos de museografia são apresentados em simultâneo. A sala da *Adega*, como analisámos, é um exemplo desta situação: por um lado, corresponde a um espaço de apresentação do trabalho relacionado com a produção de vinho; por outro lado, a construção do lagar em tamanho natural permite categorizar este espaço como uma reconstituição de um ambiente rural. Encontramos a mesma ambiguidade na sala do *Engenho do Linho*.

Simultaneamente, impõe-se questionar a existência de uma lógica, ou orientação museológica constante. Lembre-se que o Museu de Etnografia e História da Província do Douro-Litoral tinha como objetivo traçar o perfil “antropo-geográfico da Província do Douro-Litoral”⁸. Neste sentido, a sua administração definiu um critério científico para a aquisição e apresentação da exposição, estruturado em quatro temas de abordagem, como se apresenta no *Roteiro do Museu* da autoria de Armando Mattos⁹:

1. elementos primários;
2. a luta do Homem com a Terra;
3. consequências da luta;
4. conclusões.

Contudo, a existência deste critério não definiu, na nossa análise, um percurso para o visitante. Através do quadro que apresentamos, percebemos que a mesma sala pode ser enquadrada em vários dos subcampos analisados. Neste sentido, analisemos a *Sala da Pesca*, onde se representam elementos do campo da “atividade humana” – o mar e o litoral –, da “exploração da terra” – a pesca – e das “comunicações” – os meios de transporte. Analogamente, também se verifica o inverso: um dos subcampos dos critérios científicos do Museu de Etnografia e História do

⁸ MATTOS, 1945: 3.

⁹ MATTOS, 1945: 3-6.

Douro-Litoral pode ser visto em diferentes salas e núcleos da exposição. Lembre-se os nossos comentários relativos à *Sala das Religiões*:

Apesar desta sala se intitular Sala das Religiões, o tema não é trabalhado apenas neste espaço. Como iremos ver, no último piso, piso quarto da Casa de S. João Novo, encontravam-se em exposição a Cascata de S. João e a Sala das Romarias, temas relacionados com a devoção religiosa. Simultaneamente, a Sala da Pesca comportava objetos religiosos¹⁰.

Portanto, um subtema poderia ser abordado em várias salas, assim como vários subtemas seriam encontrados na mesma sala de exposição. Deste modo, a exposição etnográfica detinha um percurso expositivo linear, permitindo que o visitante percorresse a exposição segundo um trajeto livre. Neste sentido, podemos apontar uma discrepância entre aquilo que é a conceptualização do museu com a sua realização física.

Contudo, o Grupo Organizador do Museu de Etnografia e História da Província do Douro-Litoral conseguiu concretizar os objetivos iniciais do projeto museológico e o Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral ilustrou bem os aspetos da atividade social do Douro-Litoral:

[...] nesta base, a nossa observação encontra a possibilidade da concatenação de elementos, que servem para alicerçar os diversos aspectos da actividade social de um certo povo que em determinada região se fixou algum dia e o registo documental do viver, cheio de tradições, desse mesmo aglomerado étnico.

Temos assim uma visão muito ampla, que vai da etnografia à história¹¹.

Sobre os quadros administrativos do antigo Museu de Etnografia e História da Província do Douro-Litoral, apontamos hoje três presidências:

Augusto César Pires de Lima, primeiro Diretor do museu desde 1945;

Fernando Castro Pires de Lima, sobrinho de Augusto César Pires de Lima, Diretor do museu entre os anos 50 e 60;

Arquiteto Fernando Lanhas, consultor gráfico do museu na época da sua fundação, assistiu ao período de encerramento da instituição.

Da ação cultural e científica desenvolvida pela administração do Museu de Etnografia e História da Província do Douro-Litoral, podemos hoje afirmar a organização e a participação em diversas exposições, congressos e colóquios, visitas de estudo, escavações arqueológicas e publicações, na sua maioria, de áreas especializadas. Citam-se o estudo sistemático da epigrafia medieval do distrito, realizado por Armando de Mattos, o ensaio para uma carta arqueológica da autoria de Fernando

¹⁰ SOARES, 2016. Vd. subcapítulo 2.3.2.9. A Sala das Religiões.

¹¹ MATTOS, 1945: 3.

Lanhas e de Domingos de Pinho Brandão. Citam-se os periódicos *Douro-Litoral* (1940-1959) e a *Revista de Etnografia* (1963-1972), que veio no seguimento da anterior. Nomeamos a exposição *Biblio-iconográfica no décimo sexto centenário da conversão de Santo Agostinho*, exposição organizada pela Faculdade de Teologia e integrada no Colóquio promovido pelo Instituto de Filosofia e História da Filosofia da Universidade do Porto e que contou com o apoio e participação do Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral, por meio da cedência de dois óleos sobre painel dedicados à iconografia de Santo Agostinho e que já elencámos. Mencionamos também a instalação no Liceu Garcia de Orta do Porto de um Rabão de Carqueja, adquirido em 1970 pela Junta Distrital do Porto, “um dos últimos barcos daquele tipo ainda existentes”¹². É de referir igualmente a publicação das Atas dos diversos eventos científicos organizados pela direção do museu, a título de exemplo o *Congresso Internacional de Etnografia*, realizado em 1963.

Apesar de não nos ser possível quantificar a totalidade destas realizações, percebemos hoje que o Museu de Etnografia e História da Província do Douro-Litoral desempenhou um papel relevante na atividade científica e cultural do distrito. Podemos hoje reconhecer que esta instituição desenvolveu um vasto leque de atividades de divulgação da etnografia e história do Douro-Litoral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes impressas

- MUSEUS, Instituto Português dos – *Nota. Assunto: Reinstalação do Museu de Etnologia do Porto* [Doc. impresso], 1993. Acessível no Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, Portugal.
- PORTO, Cartório Notarial – *Escritura de venda do Palácio de S. João Novo. Registo n.º 5725, 2007.* Acessível no Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, Portugal.
- Presidência do Conselho de Ministros – *Decreto Lei n.º 27:424.* In Diário da República.
- Presidência do Conselho de Ministros – *Decreto Lei n.º 114/2012 de 25.05.2012.* In Diário da República. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, I Série, n.º102 (2012), p. 2768-2772.
- Presidência do Conselho de Ministros – *Decreto Lei n.º 278/1991 de 09.08.1991.* In Diário da República. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, I Série-A, n.º182 (1991), p. 3999-4005.
- Presidência do Conselho de Ministros – *Decreto Lei n.º 129/77 de 29.09.1977.* In Diário da República. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, I Série, n.º226 (1977), p. 2392.
- Presidência do Conselho de Ministros – *Decreto Lei n.º 97/2007 de 29.03.2007.* In Diário da República. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, I Série, n.º63 (2007), p. 1928-1932.

¹² [S. A.] 1973: 20-21.

Publicações periódicas

Revistas:

- «A Junta de Província do Douro Litoral em 1938». Porto: Enciclopédia Portuguesa 1937-1945.
- «Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto». Porto: Câmara Municipal do Porto, Tipografia Leitão, 1987-1989.
- «Douro Litoral: boletim da Comissão Provincial de Etnografia e História». Porto: Junta de Província do Douro-Litoral, 1940-1959, 76 vols.
- «Revista de Etnografia». Porto: Junta Distrital do Porto, 1963-1972.

Jornais:

- «O Comércio do Porto». Porto: [s.n.], [1937 – 1945].
- «O Tripeiro», Porto: Tipografia Empresa Guedes [1908-2016].

Artigos em publicações periódicas

- [S.N.] – *Efemérides Portuenses*. «O Tripeiro», Porto: Tipografia Empresa Guedes, n.º 6, V série, ano VIII (outubro de 1952), p. 176.
- [S.N.] – *Inaugura-se, hoje, solenemente, o Museu de Etnografia e História da Província do Douro-Litoral*. «O Comércio do Porto». Porto: [s.n.], 15 de Dezembro de 1945.
- [S.N.] – *Comissão Provincial de Etnografia e História*. «A Junta de Província do Douro Litoral em 1938». Porto: Enciclopédia Portuguesa (1938), p. 122-127.
- [S.N.] – *Província do Douro Litoral. Dos órgãos da administração pública*. «A Junta de Província do Douro Litoral em 1937». Porto: Enciclopédia Portuguesa (1937), p. 62-93.
- [S.N.] – *Relatório da Junta de Província do Douro Litoral em 1937*. «A Junta de Província do Douro Litoral em 1937». Porto: Enciclopédia Portuguesa (1937), p. 3-5.
- AZEVEDO, Padre Agostinho de – *Novo Museu Etnográfico*. «Douro Litoral: boletim da Comissão Provincial de Etnografia e História». Porto: Junta de Província do Douro-Litoral, 1ª série, Fasc. 6 (1943), p. 73.
- GALHANO, Fernando – *A cozinha rural do Minho e do Douro Litoral*. «Revista de Etnografia». Porto: Junta Distrital do Porto, Vol. 1, Tomo 2 (outubro de 1963), p. 259-284.
- LIMA, Augusto César Pires de – *O museu de etnografia e história da Província do Douro-Litoral*. «Douro Litoral: boletim da Comissão Provincial de Etnografia e História». Porto: Junta de Província do Douro-Litoral, 2ª série, Fasc. 4 (1946), p. 3-8.
- LIMA, M. C. Pires de (1969)– *Arthur Cupertino de Miranda visita o Museu de Etnografia e História*. «Revista de Etnografia». Porto: Junta Distrital do Porto, Vol. 13, Tomo 2 (outubro de 1969), p. 484-485.
- (1967) – *José Camón Azna visita o Museu de Etnografia e História*. «Revista de Etnografia». Porto: Junta Distrital do Porto, Vol. 8, Tomo 1 (janeiro de 1967), p. 237.
- (1968) – *Jugos e sistemas de atrelagem dos bois*. «Revista de Etnografia». Porto: Junta Distrital do Porto, Vol. 10, Tomo 1 (janeiro de 1968), p. 210.

- LOPEZ ANGLADA, Luis – *Uma casa para toda a vida el Museo de Etnografia e Historia de la Junta Distrital de Oporto*. «Revista de Etnografia». Porto: Junta Distrital do Porto, Vol. 14, Tomo 1 (janeiro de 1970), p. 227-232.
- MARÇAL, Horácio – *Museu de Etnografia e História da Província do Douro-Litoral*. In FREITAS, Eugénio Andréa da Cunha e (dir.) – «O Tripeiro». Porto: Tip. Modesta, VI série, ano IX, n.º 12 (Dez. 1969), p. 362.

BIBLIOGRAFIA

- [S. A.] (1973) – *Junta Distrital do Porto. Representação na VI Exposição Agrícola do Norte*. Porto: Oficinas Gráficos Reunidos, p. 20-21.
- BOTELHO, Maria Leonor (2014) – *Memória e Identidade nacionais. O Portugal dos pequenitos e a recriação de um “Portugal monumental”*. In *De Viollet-le-Duc à Carta de Veneza. Teoria e prática do restauro no espaço Ibero Americano*. Lisboa: LNEC, p. 63-70. ISBN 978-972-49-2271-3.
- CARVALHO, Joaquim Manuel Fernandes de (2004) – *A indústria do mobiliário escolar em Paços de Ferreira. O caso da fábrica Albino de Matos, Pereiras & Barros, Lda*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Contemporânea da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2 Vol.
- COSTA, Paulo Ferreira da; COSTA, Marta Sanches da (2010) – *Normas gerais – Ciência e Técnica*. Lisboa: Departamento de Património Imaterial Instituto dos Museus e da Conservação, I.P., ISBN: 978-972-776-425-9.
- DAMASCENO, Joana (2010) – *Museus para o Povo Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, ISBN 978-989-8074-94-2.
- MATTOS, Armando de (1942) – *A Arte dos jugos e cangas do Douro-Litoral*. Porto: Comissão de Etnografia e História da Junta de Província do Douro-Litoral, Série A, II.
- (1945) – *Roteiro do museu de etnografia e história da província do Douro-Litoral*. Porto: Comissão de Etnografia e História da Junta de província do Douro-Litoral.
- MEDINA, João (1998) – *Deus, Pátria e Família: ideologias e mentalidade do salazarismo*. In MEDINA, João (dir.) – *HISTÓRIA de Portugal dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. Vol. 12. Amadora: Ediclube.
- OLIVEIRA, Catarina (s.d.) – *Palácio de São João Novo (Museu de Etnografia e História)*. [online]. Lisboa: DGPC, IPPAR. [Consult. em: 29 Jul. 2015]. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74816>.
- SERENO, Isabel (1994) – *Palácio de São João Novo / Museu de Etnografia e História / Museu de Etnologia do Porto*. [online]. Forte de Sacavém: IHRU, SIPA [GUIMARÃES, Maria] atual. 2001. [Consult. em: 29 Jul. 2015]. Disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1082.
- SOARES, Catarina (2016) – *A Casa de S. João Novo e o Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral (1710-2016): estudo histórico-integrado, problemas e reflexões para a sua salvaguarda* [online]. Porto: Universidade do Porto. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/86239>.
- SOBRAL, José J. (2008) – *As divisões administrativas de Portugal ao longo dos tempos*. [online] 11 de Agosto de 2008. [Consult. em: 20 Mai. 2016]. Disponível em: <http://audaces.blogs.sapo.pt/2585.html>.